



Os 90 anos da Santa Casa da Misericórdia

Albino Francisco Corrêa,

"Alma de eleição" e visconde por titulação

Do Nicho ao Brasil: uma biografia singular

Hoje lembramos o percurso de vida de outro imorredouro conterrâneo que, entre proeminentes homens da colónia sanjoanense no Brasil, se distinguiu na defesa e promoção da sua terra natal e pelas dádivas altruístas que lhe destinou. Chamava-se Albino Francisco Corrêa e nasceu a 23 de Maio de 1850 na Casa do Nicho, em S. João da Madeira. Dotado de forte temperamento, herdado de seu pai, cedo assumiu responsabilidades rumando ao Rio de Janeiro, no Brasil, com apenas 12 anos, num barco à vela, a partir da barra do Douro. Lá chegado começou por trabalhar no retalho de bens alimentares, revelando tais aptidões que o levaram a estabelecer-se com confeitarias. O bom êxito como comerciante permitiu-lhe evoluir para grossista de ferragens e tintas. A correcção e lealdade que mantinha nos negócios, bem como a natural vocação para esta actividade, alcançaram-no num dos mais importantes comerciantes do Rio de Janeiro. Entre os seus pares colheu prestígio tão elevado que o convidaram para director e presidente de várias instituições associativas, como a Companhia de Seguros Varejistas.

Um homem solidário

Acompanhando o apurado tino para os negócios, cedo mostrou acurada consciência social, como testemunha M. Antonino Fernandes no seu livro "S. João da Madeira - Cidade do Trabalho": "Por ocasião da febre-amarela, que grassou no Rio de Janeiro, entre 1878 e 1895, realizou verdadeiras tarefas de caridade e de abnegação, acudindo pessoalmente a muitas pessoas atingidas e servindo-lhes de enfermeiro. Em 1885, fez parte do Conselho da Caixa de Socorros de D. Pedro V, prestando tão relevantes serviços que lhe foi concedido o título de Sócio Benemérito e o diploma com a insígnia de Cruz Humanitária. À Sociedade Portuguesa de Beneficência do Rio de Janeiro fez donativos de tal vulto, que o Conselho Deliberativo e Directório desta instituição honrou-o com o Livro de Ouro e insígnia da Cruz Humanitária, distinção máxima daquela Sociedade."

"Alma de eleição" e Visconde por titulação

Em 1902, numa das vindas a Portugal, El-Rei D. Carlos I, conhecedor das qualidades de Albino Francisco Corrêa e da sua acção humanitária por terras do Brasil e de Portugal, agracia-o com o título de Visconde de S. João da Madeira, distinção que aceitou para não contrariar a vontade de El-Rei, ou de seus amigos e conterrâneos. O reconhecimento público não lhe subtraiu, todavia, disponibilidade para as causas sociais, estando sempre presente no auxílio às vítimas de catástrofes nacionais, como no caso da grave convulsão geológica do Ribatejo e daquelas da 1ª Grande Guerra, a quem entregou avultadas quantias para socorro e minoração do sofrimento.

Conterrâneos no coração

Igualmente relevante foi o auxílio e carinho



Albino Francisco Corrêa - Visconde de S. João da Madeira

que dedicou aos seus conterrâneos, que nunca esqueceu e lhe estavam no coração. No curso do primeiro quartel do século XX, não houve em S. João da Madeira realização de cariz religiosa, cultural ou assistencial, que não merecesse generosos donativos deste benfeitor. A igreja foi totalmente beneficiada no interior, o adro aformoseado com um jardim e gradeamento em volta, e foi construída a escada monumental que muitos sanjoanenses ainda recordam. Em 1912, custeou a construção de duas salas de aula na escola da Quintã, dádiva que permitiu duplicar o número de crianças a frequentar o ensino primário em S. João da Madeira.

O hospital da Misericórdia eterno devedor de um insigne filantropo

Também a Misericórdia, que o reconhece como Irmão Fundador, lhe está indelevelmente grata, jamais esquecendo o apoio recebido. Começou por aceitar ser o primeiro herdeiro do Fundador e Benemérito Instituidor, Francisco José Luiz Ribeiro, condição que lhe acometeu a responsabilidade primeira na execução do testamento deste, onde constava o grande sonho (e aspiração de todos os sanjoanenses), da construção do

hospital. Empenhou-se afincadamente nesta tarefa que, consabidamente, teve o epílogo desejado pelo testador. Todavia, a edificação do hospital não salvaguardava o seu funcionamento, impondo-se apetrechá-lo condizentemente, havendo que angariar receitas, inexistentes. A construção e, principalmente, a galopante inflação da época, "devoraram" grande parte da herança do Instituidor. A acerar a escassez de recursos, a natureza do hospital, votado à prestação de cuidados médicos e assistenciais a doentes indigentes, diminuía a respectiva capacidade de gerar receitas próprias. O Visconde de S. João da Madeira resolveu a complicada situação abrindo uma

subscrição da qual foi o principal doador, angariando mais de 140.000\$00 entre a colónia sanjoanense do Rio de Janeiro, verba que,

manutenção de um ano de funcionamento do hospital, empenhos que permitiram cumprir o sonho acalentado pelos sanjoanenses desde há quase uma década (com o testamento de Luiz Ribeiro), inaugurando-se o hospital poucos meses após a entrega daqueles donativos. Os sanjoanenses vibraram com estes gestos magnânimos, cognominando os conterrâneos da comunidade brasileira de "Almas de Eleição", conforme expressa, a grandes letras gordas, a primeira página de "O Regional" de 24 de Setembro de 1922.

Homens assim nunca deveriam morrer

Em 29 de Janeiro de 1923, quando preparava o regresso a Portugal para rever familiares e amigos e admirar os progressos da sua querida terra natal, e já com passagens compradas, Albino Francisco Corrêa, Visconde de S. João da Madeira, falece no Rio de Janeiro, com a idade de 72 anos. Foi enorme a tristeza sofrida por todos na terra e no Rio de Janeiro. Desaparecia um grande Homem ilustrando "O Regional", em extensa reportagem, o sentimento que perpassava a alma dos sanjoanenses: "Que o digam primeiro os nossos pobrezinhos. Ah! Os nossos pobres!... Como nesta hora angustiosa eles devem chorar com lágrimas fundamente sentidas a morte do seu grande Benfeitor e abençoar eternamente a sua memória tão querida! O Visconde de S. João da Madeira, alma generosa, coração extremamente bondoso, era um verdadeiro cofre aberto a despender continuamente, consideráveis quantias para minorar a situação dos nossos pobres, dos famintos, dos desherdados da sorte."

No mesmo jornal encontramos outro elucidativo parágrafo: "E quando pensamos que um vulto tão preclaro já não existe, quando pensámos na honestidade do seu carácter, na limpidez da sua alma, na magnanimidade dos seus sentimentos, quando pensámos em tantas e tantas benemerências e no muito que esperávamos ainda da generosidade do seu coração, sentimo-nos tentados a confessar que homens assim nunca deveriam morrer."

Respeito pelos valores do marido

Desaparecido o Visconde Albino Francisco Corrêa ficou a viúva, Viscondessa D. Geneveva Marques Corrêa que, embora brasileira, filha de portugueses, continuou a destinar à Misericórdia avultados donativos. O respeito pelos valores do marido, o seu amor à terra natal do cônjuge, e a sua enorme bondade, permitiram que as dádivas continuassem até 1929, ano do seu falecimento.

O Visconde e a Viscondessa foram, ainda durante as suas vidas, elevados à qualidade de Irmãos Beneméritos em assembleias-gerais da Irmandade, constando apostos dois quadros a óleo no Salão Nobre da instituição, retratando estas distintas personalidades. Desta forma dá-lhes a Misericórdia continuada homenagem, recordando a vida e a obra dos seus maiores, esperando que do seu exemplo frutifiquem valores que a outros acaltem.



D.ª Geneveva Marques Corrêa - Viscondessa de S. João da Madeira

corrigida pelo coeficiente de actualização monetária, corresponde hoje a cerca de 143.500,00€! Além desta iniciativa, assumiu o encargo de angariar verbas suficientes a